



Pedro Belo

Um mestre do rádio

Ícone do jornalismo esportivo, Claudio Carsughi começou sua carreira por causa da ligação forte que mantinha com a Fiorentina, seu clube do coração na Itália, mesmo depois de imigrar para o Brasil

Por Pedro Belo

O elevador do edifício onde ficam os estúdios da rádio *Jovem Pan*, na Avenida Paulista, sobe até o vigésimo piso e pára. Entra um senhor calvo, extremamente bem vestido, portando uma maleta de couro. "Bom dia!", diz com um sotaque característico e com uma voz bem conhecida pelos ouvintes das transmissões esportivas da rádio.

O "mestre" Claudio Carsughi, como é chamado por seus colegas de rádio, mora a exatamente três quadras do trabalho e chega sempre com sua pasta, "que não tem nada de importante: spray para garganta, lápis, papéis, canetas, óculos", como ele mesmo enumera.

Nascido em Arezzo, norte da Itália, Carsughi chegou ao Brasil na adolescência e foi aluno do Dante entre 1946 e 1949. "Devo ao Jânio Quadros, que foi meu professor, o fato de ter aprendido a falar e a escrever corretamente em português", conta. Aos 16 anos, começou a trabalhar como correspondente esportivo para um jornal italiano, o *Corriere dello Sport*, na década de 1940. Hoje, com 60 anos de carreira entre a Itália e o Brasil, é comentarista da rádio *Jovem Pan* e do canal *SporTV*.

De paletó e gravata, e aos 76 anos recém-completados, o mestre recebeu a Dante Cultural nos estúdios da *Jovem Pan*, em São Paulo, deixando de lado seu tradicional estilo sintético: não economizou palavras para conversar sobre a trajetória, a carreira, o jornalismo e o esporte.

Quando e como o senhor veio para o Brasil?

Meu avô, por parte de mãe, tinha vindo ao Brasil com o irmão dele em 1800 e abobrinhas. E ao contrário do que era a condição da maioria dos imigrantes italianos naquele tempo, de pobres desesperados, eles vieram com um certo capital, chegaram aqui e montaram um comércio. Esse comércio deu certo, e quando meu avô chegou aos 37 anos, fez umas contas e viu que poderia ficar o resto da vida sem trabalhar. O que foi muito ruim, porque se tivesse continuado a trabalhar, quem não trabalhava agora era eu (*risos*). Todos os contemporâneos dele, Matarazzo, Martinelli, enfim, toda essa gente ficou milionária. Ele não ficou, mas teve dinheiro pra viver bem até o resto da vida e ainda deixar alguma coisa.

Então ele foi com a minha avó viver um ano na França, depois ficou na Itália durante a Segunda Guerra, e voltaram para cá. Foram de novo para a Itália, onde minha mãe nasceu.

Quando acabou a guerra, o irmão de meu avô, que era seu sócio aqui no Brasil, disse a ele: "Consegui impedir, com aquele jeitinho brasileiro, que confiscassem as nossas propriedades. Mas agora é importante que você venha." Esse confisco estava ocorrendo aqui com os italianos nesse período.

Então meu avô decidiu voltar e trazer toda a família, para permanecermos por um ano e resolver tudo. Depois, voltaríamos para a Itália. Mas a avó falou: "Ah! Mas já passamos duas guerras aqui, de repente tem uma terceira guerra...". Minha mãe era filha única e eu era o único neto. Ou iria todo mundo, ou não iria ninguém.

Quantos anos o senhor tinha nessa época?

Eu tinha 14 anos quando viemos. E por causa da

burocracia brasileira, a regularização da nossa situação, o que deveria durar no máximo um ano, demorou dois anos. Mas teve um atentado contra o então chefe do Partido Comunista Italiano. E aí minha avó falou: "Daqui a pouco os russos vão invadir, os Estados Unidos vão entrar de novo na guerra, vai ter a Terceira Guerra Mundial...". E então, depois de muita discussão, como geralmente acontece, as mulheres levaram a melhor contra a opinião de meu avô, de meu pai, e a minha, e ficamos aqui.

E como o senhor começou a se interessar por esportes?

Eu comecei a trabalhar pelo *Corriere dello Sport*, um jornal italiano de esportes, em 1948. Já morava aqui, foi na ocasião da vinda ao Brasil do time do Torino. Então comecei a fazer uma série de matérias. Meu pai era amigo do diretor do *Corriere*, e já se sabia na época que haveria a Copa do Mundo de 1950 aqui. Então tinha dois interesses envolvidos: o meu, de continuar a escrever italiano para não perder a minha língua, porque eu sempre pensei que iríamos voltar para a Itália, e o deles, de mostrar alguma coisa do Brasil, esse país que ninguém conhecia. Optei pela carreira de jornalista porque, além de trabalhar aqui, eu sempre poderia trabalhar em jornais e revistas italianos, como fiz. No dia em que tivesse um bom lugar pra trabalhar lá, eu voltaria.

Mas quando isso aconteceu, eu já estava ganhando bem aqui, casado... e acabei ficando.

E eu também sempre gostei muito de automobilismo, porque meu pai era advogado com especialidade em acidentes rodoviários. Tinha uma tradicional corrida italiana, a Mille Milla, que ele

sempre me levava de madrugada para ver lá perto de Arezzo. A corrida saía de Brescia no fim da tarde, ia até Roma, e voltava.

E acompanhava futebol desde pequeno?

Sou torcedor da Fiorentina (time de Florença) porque, quando tinha 5 anos, fomos para Florença, e a primeira vez que fui em um estádio foi no da Fiorentina. Era o time daquela que eu considero a minha cidade, todo ano volto pra lá, é minha casa, onde tenho amigos e parentes.

Como foram os tempos de Dante?

No Dante eu fiz, como ouvinte, o quarto ano do ginásio (*hoje, 9º ano do Ensino Fundamental*), depois prestei um exame e entrei como aluno regular no primeiro colegial (*hoje, 1ª série do Ensino Médio*). Eu tenho boas lembranças de todos os professores. Um deles foi o Jânio Quadros (*ex-presidente da República*). Aliás, devo a ele o fato de ter aprendido a falar e a escrever corretamente em português. Quando cheguei aqui, me arrumaram um professor de português que foi um desastre. A primeira coisa que ele me falou foi: "Olha, português é muito simples, se escreve como se fala". Aí fui escrever três: t-e-r-e-i-s (*risos*).

Outro de quem me lembro muito é o professor (*Orlando*) Porreta, que dava aula de História. Ele muitas vezes falava comigo em italiano. Ele tinha um escritório de advocacia junto com o Jânio. E os dois eram extremos, o Jânio era todo esculhambado, e o Porreta, quando sentava na minha carteira na sala de aula, colocava sempre um lenço de seda em cima da mesa.

Estudei no Dante até o terceiro colegial (*hoje 3ª série do Ensino Médio*), depois entrei na Poli (*Faculdade de Engenharia da USP*). Sou engenheiro, mas nunca exerci a profissão.

Como o senhor começou a trabalhar com rádio?

Eu estava fazendo a cobertura da Copa do Mundo de 1950 com o diretor do *Corriere dello Sport* e conheci todo o pessoal de jornal e de rádio. Fiz amizade com todo o pessoal da rádio *Jovem Pan*: Blota Junior, Narciso Vernizzi...

Em 1952, eu queria ouvir jogos do campeonato italiano. Mas, para isso, eu precisava de um rádio de onda curta, e só tinha um à venda, na Rua Florêncio de Abreu. Mas custava o preço de um carro usado, e eu não tinha condição de comprar. Aí falei com o pessoal da *Pan*: "Vocês têm aqui dois bons rádios: será que dá para eu vir num domingo de manhã e

ouvir?". Eu escutava o jogo e, em troca, deixava a classificação para eles. Aí começou uma colaboração, que se tornou mais intensa na Copa de 1954 e, em 1957, fui contratado. Quase ao mesmo tempo também fui contratado pela *Gazeta Esportiva*, onde eu tinha colunas sobre futebol nacional e internacional.

Então o senhor não chegou a estudar jornalismo?

Não, não. Quase não tinha o curso na época.

O senhor já foi repórter de campo?

Não. E dou graças a Deus. Acho uma profissão ruim, porque te põe em um contato muito íntimo com o jogador. Você acaba sendo, não amigo, mas bem conhecido do jogador. Aí, até a hora em que você elogia, perfeito. Quando você critica, 90% deles não têm a noção de que aquilo é profissional, acham que você traiu a confiança deles. Então me interessa o que o jogador faz dentro de campo. Se ele foi beber até as 4 da madrugada, problema dele. Para mim não é notícia.

Que viagens e coberturas o marcaram mais durante a carreira?

A rádio *Jovem Pan* me permitiu conhecer uma série de países. Fui duas vezes para a África do Sul, para o Grande Prêmio de Fórmula 1. Era época de Apartheid ainda em 1975 e 1976.

No futebol, o trabalho na rádio me permitiu conhecer profundamente o México. Em 1970, fiquei mais de dois meses lá, por causa da Copa. Naquele tempo era muito difícil a comunicação telefônica. O Brasil só tinha uma linha de transmissão para três rádios: *Jovem Pan*, *Bandeirantes* e *Nacional*. Nos jogos, fazia-se um sorteio pra ver quem iria narrar. Um narrava o primeiro tempo e outro, o segundo. Na final, dividimos: 30 minutos para cada narrador.

No fim de semana, tinha um horário de manhã, que ninguém queria fazer. Eu fazia e, em compensação, no resto do sábado e do domingo não fazia nada. Então conheci profundamente o interior do México. A Copa de 1970 ficou para mim como a imagem da competição esportiva mais bonita que eu cobri. Estive no México na Copa de 1986 também, e já tinha linha aberta 24 horas por dia. Se eu não tivesse conhecido o México antes, teria conhecido só o Hotel da Cidade do México e o Centro de Radiodifusão.

Então a transmissão mais precária deixava a cobertura do evento mais interessante?

Sim! Tem um caso interessantíssimo. Antes de o Brasil estreiar na Copa de 1970, fez o último teste em Leon, então fomos para lá eu, Josevaldo Peixoto (*ex-narrador da Jovem Pan*), Fiori Gigliotti (*lendário narrador da rádio Bandeirantes*), Leônidas (*o "Diamante Negro", ex-jogador e ex-comentarista esportivo da Jovem Pan*), Mauro Pinheiro (*ex-comentarista da rádio Bandeirantes*) e Mario Moraes (*ex-comentarista da Jovem Pan*). Chegamos lá e começamos a tentar contato: "Alô Embratel, Alô Embratel", e ninguém respondia. Começamos a transmissão. "5,4,3,2,1... Boa tarde, Brasil...".

E fizemos tudo, o GB (*Geraldo Blota, repórter de campo da Jovem Pan*) entrevistou o pessoal no final do jogo. Acabou a transmissão. E conseguimos ligar

meia hora depois para perguntar como foi. Disseram daqui: "Infelizmente não chegou nada". Todo mundo ficou maluco (*risos*), se xingando. Eu dei risada.

Na época eu também trabalhava no *Tutto Sport (jornal italiano)* e fiquei um dia a mais na Cidade do México porque os meus editores queriam falar comigo. A primeira coisa que me perguntaram foi: "Como é que é esse negócio de tortura no Brasil? É verdade que os milicos estão fazendo interrogatório? Guerra civil?". Contei tudo o que sabia. E disse: "Mas não fala que fui eu!" Eu sabia de uma série de coisas. Também na década de 1970, fiz amizade com um pessoal da Fórmula 1 da Suíça. E eles queriam um correspondente aqui no Brasil, para esporte e política, e pagavam muito bem. Então eu falei: "Me manda lá uma primeira pauta, vamos ver." Queriam entrevista com o Lamarca, entrevista com o chefe da oposição, entrevista com fulano torturador...

Eu agradei: "Não, obrigado".

Na final da Copa de 1970, você torceu para a Itália?

Não, eu tinha absoluta certeza que o Brasil ia ganhar. Não só porque jogava mais, mas me convenci fazendo a final do terceiro lugar: era Uruguai e Alemanha. A Alemanha vinha de duas prorrogações. Depois de 30 minutos, a Alemanha não tinha mais gás. Eu pensei: "A Itália vai jogar uma hora, e depois vai parar".

O senhor acha que o jornalismo é uma carreira que está ficando mais complicada?

Já dei algumas entrevistas para alunos de jornalismo que estão no último ano, e brinquei: "Se vocês tivessem vindo aqui no primeiro ano, eu diria para mudarem de faculdade, porque a nossa é uma carreira em extinção". Em minha opinião, no Brasil, houve uma inflação de faculdades de jornalismo. Então entra no mercado todo ano um número de profissionais muito maior do que pode absorver. Pode ver, as pessoas que ganham bem são poucas. Você tem que estar muito mais preparado. E eu acho que antes era mais divertido. Você tinha mais espaço para inventar, para fazer coisas. Hoje, olha os programas de televisão: são todos cópias uns dos outros. Era mais divertido, inclusive, porque não tinha a possibilidade de gravar. Era quase tudo ao vivo.

O senhor sempre teve interesse de voltar para a Itália?

Sempre. Não teria vindo para o Brasil se não fosse trazido, porque na Itália tinha todos os meus amigos, minhas coisas. Quando cheguei aqui, por cerca de um ano eu não sabia o que fazer aos domingos. Queria saber o que meu time estava fazendo. Ainda me considero um estrangeiro talvez por isso. Para mim o Brasil começa quando eu saio de casa, e acaba quando eu volto. Eu vejo a RAI, recebo todo dia de manhã, além do *O Estado de S. Paulo*, o *Corriere della Sera*. Leio o *Corriere*, e no *Estado* dou uma olhada nos títulos só para não ficar um fora da realidade.

Então o senhor se considera muito mais italiano...

Eu sou italiano. Estou no Brasil por uma coincidência, como poderia estar na Argentina. Mas



Acima, Carsughi no estádio do Morumbi com o ex-jogador e então comentarista Leônidas da Silva, e o então narrador Edemar Annuseck, na década de 1970, todos da rádio Jovem Pan. Abaixo, com o repórter Aluane Neto, na época da rádio Jovem Pan, e o piloto Emerson Fittipaldi no Grande Prêmio do Brasil em Jacarepaguá

de todos os países estrangeiros que a rádio me deu a oportunidade de conhecer, o Brasil é o melhor para se viver, principalmente pela cordialidade.

No Brasil, o senhor torce para algum time?

Não. E acho que isso me dá uma visão melhor e muito mais isenta do que acontece. Se você torce, forçosamente acaba vendo metade do jogo. Eu tenho aquilo que chamo de uma "deformação profissional". Quando vejo um jogo da Fiorentina com meus amigos, às vezes o cara chega e fala: "Pô! Pênalti!" E eu falo: "Vem cá. Não foi pênalti." Acho que toda vez que você consegue pôr o raciocínio na frente da emoção, você julga melhor.

Você acha que o jornalismo esportivo é sensacionalista no mundo inteiro ou só no Brasil?

No mundo inteiro. E não só no esporte, em tudo. Eu trabalhei no *Jornal da Tarde*, porque o Mino Carta me convidou, e me lembro de, no mínimo, umas seis ou sete vezes dar uma manchete na quinta-feira, depois da rodada: "O novo Pelé apareceu na Vila". Só porque tinha aparecido um moleque que fez três ou quatro gols. Nenhum deles emplacou!

O senhor admira mais o estilo italiano de se jogar futebol, muito mais defensivo que o brasileiro?

Eu acho que a tática depende dos jogadores que você tem. Se você tem um grande time, não tem nenhuma razão para defender tanto. Agora, se você tem um time limitado, tem que se fechar na defesa, ter um bom preparo físico e tentar um contragolpe. Armar uma retranca, marcar um gol e ganhar de um a zero.

Uma vez vi o senhor na televisão, na época da última Copa, dizendo que, se o Brasil armasse uma retranca e ganhasse os sete jogos por 1 a 0, seria campeão invicto. O senhor é favorável a esse jogo pelo resultado? O brasileiro não gosta muito, né?

Se você tem um supertime, e tem certeza de que todos os seus jogadores, posição por posição, são superiores aos do adversário, então faz um time ofensivo, porque você vai sofrer um gol ou outro, mas tudo bem. Vai ser que nem o Santos do Pelé, a Hungria do Puskas, vai ganhar de 7 a 3, 4 a 1, vai dar espetáculo. E hoje isso não ocorre em lugar nenhum. Nem os times *tops* do mundo têm isso, nem Manchester, nem nada. Então, tem que ter cuidado.

O comentarista passou a integrar a equipe da cobertura de esportes na rádio Jovem Pan em 1957, cinco anos depois de começar como colaborador esporádico, e lá permanece até hoje



Pietro Belo